

# O Pregão de S. Nicolau

Recitado por JOÃO FERNANDO ALVES MACHADO aluno do 11.º ano do Liceu Nacional de Guimarães



## BANDO ESCOLÁSTICO O S. Nicolau

Dezembro 1981

Recitado nas ruas da nobre Vimaranes pelo aluno do 11.º ano do Liceu Nacional de Guimarães

João Fernando Alves Machado

Este Pregão dedico a quem é consagrado:

*A Jovem Academia  
Que Num Esforço Heróico  
Mantem a Festa em Dia.*

**P**ovo de Guimarães e terras em redor  
Vai para ti, em verso, a palavra serena  
Tua grande epopeia, escrita com suor  
Cantá-la não consegue a minha humilde pena  
Virão aqui à lã se preciso for  
Segredos que circulam à boca pequena  
Não fosse o pregoeiro insigne orador  
Ou Não lhe fora dado tempo de antena

Que de pluralismo vai a Têvé cheia  
Parece um arco-íris, tantas são as cores,  
Proençalmente bela, canta de sereia  
Pelo bico ancestral de antigos locutores.  
Tem agora um concurso, o tal que premeia  
Quem exibir os dentes, mesmo tendo dores,  
Estratégia malabar, profícua panaceia  
P'ra aqueles que da taxa são maus pagadores

Aberto este parentesis, continua em directo  
O programa a que demos iniciação  
A correcção dos erros não é nosso objecto  
Apenas a denúncia cabe no Pregão.  
Apontaremos sempre o caminho mais recto  
Atiraremos pedra sem esconder a mão  
Teremos um só lema ao longo do trajecto;  
Dizer sim à verdade e à mentira não!

Vai sendo tradição há muito neste dia  
Evocar nomes grandes, que na eternidade,  
(Caldas, Gaspar Roriz, o Cónego Zé Maria)  
E muitos outros vultos filhos da cidade  
São membros honorários da nossa Academia.  
Eméritos poetas, a posteridade  
Vê neles um exemplo, e com alegria,  
Vai dando à sua obra continuidade

A vida é efémera, uma vã quimera  
No juízo final cada um será réu  
Por isso, ó Juventude, ó gente desta era  
Enterra a tristeza em frio mausoléu.  
Fazei desta alvorada eterna primavera  
Causando Santa Inveja aqueles que no céu  
Recordam com saudade o fado da severa  
Que gozar não souberam no tempo que foi seu.

E depois desta breve nocta introdutória  
É tempo de falar dos assuntos caseiros  
Se para tanto não nos faltar a memória  
Que traz ao pensamento os casos corriqueiros,  
Por determinação, do bom gosio atentório  
Em que os Edis vão sendo herdeiros e vezeiros  
De breu pavimentaram as ruas e à história  
Disseram: no asfalto não somos pioneiros

Cabeças bem pensantes, que em vez de desviar  
Do centro as viaturas, para os passeantes  
Em Domingo de Sol poderem circular,  
Rasgando desde já as vias circundantes,  
Preparam pistas negras para acelerar  
As máquinas que meninos, um tanto irritantes,  
Passeiam no Tournal, procurando mostrar  
Aos peões que observam, que são bons volantes.

Que a viatura hoje tem o seu valor  
E é ponto bem assente, verdade inegável,  
Que anda por aí muito bom condutor  
Que vale o que valer o seu descapotável  
Vai próspera esta terra, e seja como for  
Será uma garagem grande e detestável  
Tantos burros tem movidos o motor  
E a todos dá guarida, sempre infatigável.

O transito flui agora calmamente  
Terminaram as bichas, é uma delícia  
Em cada cruzamento lá está presente  
De sorriso nos lábios, a mulher-polícia.  
Porém, se te distraís, mesmo por um repente,  
E estacionar vais, em zona não propícia  
De livrinho em punho surge-te uma agente  
A multa aplicando com total perícia.

Já tem a nossa urbe um plano director  
Defendido por uns, por outros contestado  
Que a fará crescer, c'ò a benção do Senhor  
Segundo um certo eixo por Távora traçado.  
Margaride será um pólo crescedor  
Também o "Matadouro" irá ser prolongado,  
Falta saber agora que rio ou colector  
Irá ser o esgoto de quanto é despejado.

Pertinho do Castelo e à revelia  
Do gosto que cai bem a todo o cidadão  
Nasceram torredões da noite para o dia  
E o nome lhe puseram de Urbanização.  
Um caos assim tão grande, ninguém o previa  
E quão tamanha foi a nossa espantação  
Quando um dos moradores afoito descrevia  
O que lá se passara em certa ocasião.

O leito abandonaram ao romper da aurora  
Reduzido o silêncio a palavra vã:  
E pondo à janela o toutiço de fora  
Viram voar calhaus e pedras de ança  
A terra estremeceu e nessa mesma hora  
Pensaram em abalos ou outra coisa má  
Mas afastado o sono e a confusão sonora  
Acharam natural, por serem da Quintá.

Sem que alguém o travasse, foi longe de mais  
Esse horrível conjunto de edificações  
Até que os moradores, nos termos legais  
Convocaram de pronto mil reuniões,  
Eleita comissão, sem cerimoniais  
Na câmara expuseram as suas razões  
E os senhores eleitos nas municipais  
Prometeram entrar em negociações.

Nem tudo são tristezas, exultemos pois  
Há milhões de projectos aguardando a vez  
Porque o melhor da festa é o que vem depois  
Se acaso não vier, pensemos que talvez  
Venha um dia mais tarde, ou mesmo até dois  
O quê? Ignoramos. Mas das duas três:  
Ou vem um hospital, ou então, por quem sois?  
Teremos uma escola e Quartels uns dez.

Onde aquartelaremos toda a esperança  
De ter uma central ou uma rodovia  
E uma maternidade onde a pobre criança  
Possa comodamente vir à luz do dia.  
No campo do progresso vigora a poupança  
E consta que de tanga vai a Autarquia:  
Enquanto no estádio a bancada avança  
Ainda falta a luz em muita freguesia.

Neste jardim florido, à beira-mar plantado  
Lá vamos digerindo a crise galopante  
Apertemos o cinto, mas bem apertado  
Fazendo das migalhas pasto abundante.  
Que enquanto o mês sobra, minga o ordenado  
E é cada vez mais, tarefa retumbante  
Manter durante o dia o estomago enganado  
E promessas ouvir da classe governante.

Salgueiro, essa planta tão medicinal  
Propõe-se corrigir os erros do Cavaco  
Mas sendo a nossa crise, crise estrutural  
Bem poderá dar mil ou mais voltas ao caco.  
O Fundo Monetário Internacional  
A pretexto de auxílio, vai enchendo o saco  
Enquanto que o escudo, esse vil metal  
De tanto deslizar, já não vale um pataco.

E assim vai Portugal entrar na CEE.  
Como parente pobre e de olhos vendados  
Sem saber muito bem o que tal coisa é  
E que pesados custos serão tributados  
A nossa Economia ainda é um debê  
E como tal carece de muitos cuidados  
Que a façam caminhar pelo seu próprio pé  
Dispensando auxílios tão "desinteressados"

Vai mal este País e não se descortinam  
Medidas eficazes do pé para a mão  
Os homens dos partidos nunca mais atinam  
E cada vez mais longe está a solução.  
No amplo hemiciclo as vozes desatinam  
Cantando de improviso e sem orquestração  
A área habitual que as cartilhas ensinam  
Que os próprios entendem mas o povo não.

Nas altas capoeiras tudo é um regalo  
Tudo caminha bem, mas olhem que pressinto  
Que anda ali um Pinto a cantar de galo  
E um bando de galos a fazer de pinto.

S. Bento é agora e sempre um Santuário  
Que alberga as competências que o País tem  
Ouví-las na Têvé já não é um fadário  
Poís sempre que elas falam, falam muito bem.  
Mas desde já advirto: Se for necessário  
Poderás vir a ser escolhido entre cem  
P'ra primeiro ministro ou Subsecretário  
Porque a Nação exige e ao Povo convém.

E terás na Tua mão o destino dum Povo  
Traçarás uma lha, não para cumprir  
Dirás a mesma coisa, num discurso novo,  
Lançarás as sementes do nosso porvir.

Desse porvir cantado em mil madrigais  
Num mundo de loucura, tão ameaçado  
Do Oceano Atlântico até aos Urais  
Onde eventualmente será concentrado  
O nuclear conflito, que os dois maiores  
Afirmam poder ser, desde já começado  
Porque bombas não faltam, havendo demais  
P'ra destruir o mundo, em duplicado.

Caminhamos assim sobre um paíol imenso  
com as portas abertas, pronto a rebentar  
Que há muito anda arredado do mundo o bom senso  
E apenas um botão bastará carregar  
Em nome duma causa ou ideal pretensão  
Para quarenta vezes tudo ir pelo ar  
Se como eles dizem — eu assim não penso  
Múltiplas destruições pudessem ter lugar

Enorme é a loucura, mas haja esperança  
Que o medo e a tristeza são maus conselheiros  
É bom viver a vida e entrar na dança  
Que estes curtos dias passarão ligeiros.  
Vamos todos folgar, sorrir como a criança  
Nos montes respira Fragrâncias de pinheiros  
Subir até à lua e descer pelas tranças  
Das fadas encantadas em seus cativéis.

Mulher: no teu sorriso, eternas Primaveras  
Desabrocham ao sol, pelas ruas da cidade  
Vosso olhar desperta em nós doces quimeras  
E os jovens corações pulsando d' ansiedade  
Guardam dentro de si, fortes paixões sinceras  
Buscando na prisão do amor a liberdade,  
A noiva dos poetas, que abre crateras  
De lava nos enchendo até à saciedade.

Mas atenção: Nem tudo o que parece belo  
Vos deverá deixar de cabeça perdida  
Por cousas sem valor, até por um chinelo  
Muita gentinha imita a Bela Adormecida.

O falso feminismo hoje é um libelo  
Uma acusação à mulher dirigida  
Quando ele se resume a usar traje singelo  
Como uma calça larga, muito mal cingida.

Bem cingida será à mão a maçaneta  
O fállico objecto no dizer de alguém  
Mandando a himeneal pele para o maneta  
Num gesto tão viril, que ao homem fica bem

Num batimento só rompei essas membranas  
Abafoando de vez o eco dos trovões  
Para que o mundo inteiro, virado de pantanas,  
Sorria com desdém da BOMBA DE NEUTRÕES.

O AUTOR,

A. R. C.